

## **A ESCOLA DOS SONHOS: UMA ESCOLA SEM PAREDES, COMUNITÁRIA, DE CURRÍCULOS INTEGRADOS E INTERDISCIPLINARES**

José Ramos Barbosa da Silva – DME/CE/UFPB

### **RESUMO**

Há na Paraíba uma escola desenhada por todos, movida por sonhos, que não se organiza por séries, nem por ciclos, tampouco por anos, mas por núcleos de desenvolvimento de aprendizagens, habilidade e valores. Trata-se da Escola Nossa Senhora do Carmo, Bananeiras (PB), instituição de Ensino Fundamental, da alfabetização ao nono ano, que atende 14 comunidades rurais, incluindo algumas crianças e adolescentes da cidade. Lugar onde toda criança tem a liberdade de estudar o que deseja. Elas dizem das suas curiosidades e interesses, dos quais surgem os roteiros de aprendizagens, organizados em projetos interdisciplinares e transdisciplinares de estudos. Uma escola que não é pública, nem privada, é a dos sonhos, comunitária, idealizada e conduzida por educadores, educandos e pais, numa relação amorosa e familiar. Este estudo remonta essa história e fala do percurso didático nela vivido, fruto de uma pesquisa etnometodológica. Escola inspirada na Escola da Ponte, em Portugal, por José Pacheco; nas experiências de Anton Makarenko, na Rússia; em Célestin Freinet, França; em Summer Hill, na Inglaterra, com Alexander Neill; em Maria Montessori, Itália; e em Paulo Freire, no Brasil. Os resultados indicam que é possível se aprender em currículos integrados, com crianças que se conscientizam do que precisam estudar, com avaliações e planejamentos diários, de modo solidário e com liberdade. Uma escola que não precisa aplicar provas, porque as aprendizagens já se fazem presentes em apreciações diárias, feitas com o tutor pelo aluno escolhido.

**Palavras-chave:** currículos interdisciplinares integrados, escola comunitária, método inovador de ensino-aprendizagem.

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho tem o objetivo de demonstrar como se dá o processo de ensino-aprendizagem na Escola Nossa Senhora do Carmo, localizada no sítio Monte Carmelo, Morro da Graça, na zona rural do município de Bananeiras (PB), situando suas bases teóricas no delineamento do planejamento e de práticas, visto que se trata de uma escola que não separa os alunos por classes, ano letivo ou séries, mas os organiza por grupos de estudos, a partir dos temas escolhidos por eles, acompanhados pelos professores que agem como mediadores. Trabalho que inclui revelar quais são os princípios e pilares que orientam a ação dos professores e dos alunos nesta escola, também conhecida como a Escola dos Sonhos. Pretende ainda demonstrar como os grupos de estudo são organizados, identificando o papel do aluno e

XXII ENCONTRO DO PROFESSOR NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM. E, por fim, indicar algumas semelhanças e diferenças dessa escola com as demais que atuam no Ensino Fundamental.

Começamos este trabalho com a pesquisa científica, PIBIC-UFPB-CNPQ, anos 2020-2021: “A didática em movimento: uma escola fundamental sem séries, sem reprovações, com estudantes e professores com voz ativa”. Análise que se deixou continuar, através do projeto de extensão: “A Escola dos Sonhos: oficinas de produção de brinquedos, uma ciranda entre educadores e educandos”, de editais PROBEX/UFPB, até o ano de 2023. Esforço que se justifica pela necessidade que nós, um grupo de professores do Departamento de Metodologia da Educação, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, vinculados ao ensino de Didática, formado por Lenilton Francisco de Assis, Daniel Figueiras Alves, Elzanir dos Santos, Vinicius Varella Ferreira, José Ramos Barbosa da Silva e Marcos Pires Leodoro, alimentamos a curiosidade de conhecer novos caminhos didáticos que possam contribuir para a melhoria da qualidade da formação discente ofertada pelos cursos de Licenciatura. E as oficinas de produção de brinquedos, feitas na Escola dos Sonhos, tiveram a maestria do bolsista, aluno de Pedagogia, Francisco Ribeiro Viana, conhecido como Mestre Chico.

Quando começamos esta pesquisa, em 2020, estávamos diante de informações que afirmavam ser a Escola Nossa Senhora do Carmo uma escola fundamental onde nenhum aluno fica reprovado, onde os assuntos estudados na escola bebem de problemas vivenciados pelos estudantes em suas vidas fora da escola e que são convertidos em projetos de estudos interdisciplinares, sob a escolha deles, onde os professores auxiliam aos alunos em seus pequenos grupos de estudo que aprendem por métodos ativos, sem que haja um professor por ano ou série, mas com um tutor que acompanha diariamente cada aluno. Com tudo isso em tela, nós resolvemos conhecer de perto o cotidiano desta escola.

Soubemos que a Escola Nossa Senhora do Carmo, em Bananeiras (PB), tinha aproximações pedagógicas com a Escola da Ponte, em Vila das Aves, Portugal. Por isso cuidamos de compreender o encantamento demonstrado por Rubem Alves (2005) acerca desta experiência e, ainda, amparamo-nos com a leitura de José Pacheco (2008) e de Andréa Villela Mafra Silva e José Pacheco (2011), sobre a Escola da Ponte. Também soubemos que as obras de Paulo Freire, de um modo geral, serviam de inspiração para a ação cotidiana desta escola. Daí, resolvemos pesquisá-la, mas sem queremos mudar em nada sua prática. Nós, por trabalharmos com Didática, queríamos conhecê-la, apenas.

Como prólogo do nosso trabalho, destacamos que, de certa forma, o ensino nas escolas nunca foi uma tarefa fácil. Ele sempre esteve subordinado a interesses educativos oriundos de mobilizações culturais em disputa, de desafios econômicos, de conjunturas interligadas a

XXII ENCONTRO DE HISTÓRIA, TEMPOS HISTÓRICOS E OPÇÕES POLÍTICAS. O ensino escolar, apesar de ser atividade local, está mediado por direções macro que indicam intenções de propósitos. Tem por trás de si a sociedade permeada de interesses conflitantes e suas leis. O professor pelo seu modo de condução das atividades numa sala de aula ou ocasião de ensino carrega consigo a interação de ideias de pensadores, representativos de uma época, de uma crença, de uma teoria educacional, frutos das lutas concretas humanas e de tomadas de posição, ao longo da história. Nesse caminho, seguindo informações trazidas por Piletti & Piletti (2012), podemos lembrar-nos de Moisés, o personagem mais importante do Antigo Testamento, que imprimiu a educação hebraica centralizada na família na qual o pai ocupa lugar principal; de Santo Agostinho (354-430) que direcionou os ensinamentos a um objetivo final, a conquista da paz da alma; de Comenius (1592-1670) que, preocupado em ensinar tudo a todos, participou do movimento que transformou o ensino numa matéria específica de estudo, nascendo, daí, a Didática.

Desde que a Didática foi assumida como “a arte de ensinar”, as lutas políticas já se faziam presentes nela. Em seu tempo, início da Idade Moderna, Ratke (1571-1635), em seu livro “Principais aforismos didáticos”, buscou implantar uma escola que ia de encontro com a escolástica, modelo de ensino influenciado diretamente pela religião, predominante na Idade Média. Lutou por uma escola que estabelecia analogia entre o trabalho da manufatura e o trabalho didático. Já ali, anunciava uma nova ordem da educação, próxima ao mundo capitalista, deixando indícios de que o ensino e, por sua vez, a didática, são ações que tomam partido, ainda que de modo sutil, nos bastidores de lutas sociais. Das lutas sociais participaram Comenius (1592-1670) que, ao lançar a obra Didática Magna, criou uma proposta de ensino articulado. O faz rompendo com a tradição católica que preservava o modo escolástico de ensino.

O Renascimento espalhou por toda Europa o pensamento de que era necessário se investir no pensamento científico e técnico, tornando o homem o centro de todas as coisas da terra e dando a ele a capacidade de decidir os rumos desse prometido mundo novo. Com a Modernidade, nasce um novo tipo de intelectual, marcado pela razão, tendência que é fortalecida pelo Iluminismo, no século XVIII. É no Iluminismo que a educação assume papel relevante para a mudança de valores e costumes. Em meio a esse ambiente de readaptação de mentalidades e de formas econômicas de sociedades, mais apropriada ao padrão oferecido pela Inglaterra do que ao da França, ainda presa à economia agrícola, proveniente dos meios rurais, desponta o suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) que inova em matéria de literatura e se firma como filósofo que afirma a liberdade como valor supremo.



Seus escritos pregam o retorno à natureza e acusam a civilização de corromper o homem, que é bom por natureza. Ele discordava que a ciência e a razão valessem para a felicidade humana, cobrava uma retidão moral. Trazia as vias do coração e do sentimento, mostrando-se hostil em relação ao progresso. As ideias de Rousseau influenciaram muitos educadores dos séculos XIX e XX, dentre eles destacam-se Heinrich Pestalozzi (1746-1827), Friedrich Froebel (1782-1852), Maria Montessori (1870-1952), Ovide Decroly (1871-1932), Célestin Freinet (1896-1966), Anton Semionovich Makarenko (1888-1939), John Dewey, entre outros que deram início à escola nova.

Esse pequeno esboço histórico percorrido pela Didática foi aqui exposto para reforçar a razão pela qual o nosso estudo que se volta para procedimentos de ensino não se isole apenas em assuntos ditos estritamente pedagógicos. A Didática se interessa por questões relacionadas à Política, à Sociologia, à Psicologia, à Religião, à História e a tudo que interfere no comportamento das pessoas que circundam e usam a escola. Isso porque o ensino, mediado pela Didática, confirmado por Libâneo (1992), se ampara em estudos da Filosofia, da Sociologia, da História, da Biologia, da Antropologia, da Política, entre outros. A Didática é uma atividade subordinada a interesses educativos de outras esferas, por isso ela precisa estar atenta aos movimentos anunciados pela variedade de práticas sociais que fazem o mundo (SILVA; ROCHA, 2018). Temos a ciência de que a ação escolar, mesmo sendo guiada por uma atividade local, é presa a determinações que são produzidas fora dos muros escolares, sendo sempre uma ação que toma partido perante políticas presentes no mundo, tal qual prega Freire (1977).

Com isso em cena, decidimos investigar a ação da Escola dos Sonhos, ou da Escola Nossa Senhora do Carmo, situada no município de Bananeiras (PB), cidade com uma população de 21.851 habitantes, de acordo com o censo de 2010. Nela tem alimentação escolar para os alunos, com cozinha, sala de diretoria, dez espaços de sala de aula, sala de professores, sala de leitura e tem acesso à banda larga da internet. Mas o diferencial é a sua pedagogia de trabalho, sendo esse o aspecto que aqui é explorado. Uma pesquisa feita entre os anos de 2020 a 2023.

## **METODOLOGIA**

Nosso propósito para conhecer tal experiência pedagógica se fez por um estudo etnometodológico, orientado pelas recomendações de Coulon (1995). A etnometodologia não é um procedimento de recolha de dados, mas um processo devotado ao estudo do modo como

XXII ENCONTRO DE DETERMINADOS INDIVÍDUOS CONSTRUEM, ORGANIZAM E COMPREENDEM SUAS VIDAS COTIDIANAS. Dessa arte podem participar todos os membros que vivem em situações de sociedades modernas e não somente em tribos primitivas ou atípicas. Nesse sentido, a investigação não é exatamente um empreendimento científico, mas entendida como realização prática que considera os sentidos comuns dando-lhes a mesma importância de conhecimentos sistematizados e comprovados que interferem nos comportamentos sociais. Investigação que não é indutiva nem se faz sem que se leve em consideração a interseção entre a estrutura social e a ação humana. Por isso, neste percurso interessam estudos relacionados à formação das ideias pedagógicas, dos cenários político-sociais, das filosofias em processo, nos quais estas se formaram e continuam a se formar.

Partimos de um caso específico analisado, feito por diversas etapas, algumas vivenciadas ao mesmo tempo, uma em alimentação à outra. Neste trajeto, os estudos teóricos permearam todo o processo investigativo, antecedendo as visitas à escola, que perdurou todo o caminho, do ano de 2020 ao ano de 2023, até mesmo quando estivemos envolvidos em analisar as observações feitas. Estudos que nos ajudaram a ampliar e a lapidar nossas lentes de ver. Pois nossos conceitos e preconceitos interferem nas formas de captação dos fenômenos sociais. Eles interferem nas nossas formas de compreender porque algumas escolas optaram em se firmar em ensinamentos tradicionais e outras seguiram novas direções, do construtivismo ao tecnicismo educacional, sem nos esquecer de opções que não se enquadraram nas vertentes pedagógicas desenhadas por estudiosos do ensino-aprendizagem. Às vezes, o senso comum que trazemos serve de lente que dá cor ou altera o que está à nossa frente. A teoria nos serviu como janelas que se abrem para novos pontos de vistas e também deram mais cores aos filtros de comparação da ação dessa escola com outras realidades educacionais conhecidas. Para as visitas ao campo, ainda que embebidos de leituras feitas para compreender as razões que levaram a escola em questão decidir ser o que é, buscamos ir a nu, como folha em branco, ou em silêncio, para que os ruídos dela nos penetrassem, sem nunca esquecer que lá fomos como curiosos para ver o que nela há de diferente e saber as razões pelas quais essas diferenças acontecem. Enquanto ouvíamos e víamos o cotidiano dessa escola, buscávamos saber: (1) O que na escola está acontecendo? (2) O que essas ações significam para as pessoas envolvidas? (3) Como essas ações estão sendo feitas? (4) Quando elas começaram? (5) Qual a repercussão dessa experiência microcósmica em universos macrocósmicos da comunidade, da cidade, da sociedade envolvida?

Fomos interessados em aprender, sem estarmos interessados em criar leis universais, nem em propagar generalizações estatísticas. Quisemos ampliar, excelentemente, nossas



XXII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO: visões sobre as possibilidades de atuação em favor da aprendizagem de educadores e educandos.

Para cada visita-campo fizemos registros escritos e gravados, como diário de bordo, que foram revistos e reescritos, para uma obtenção de maior fidelidade nas histórias contadas e/ou vistas. Fizemos sequências descritivas, narrativas de atividades, descrições de eventos, com reproduções de diálogos. Ao lado disso, cuidamos de fazer notas teóricas, observações, lembretes. Tudo para que depois do processo, incluindo a rotina de comparar, ler, reler, escrever, rever, reescrever, houvesse luzes capazes de auxiliar o processo ação-reflexão-ação, nesse trabalho de um grupo de professores, todos ligados ao Departamento de Metodologia da Educação, (CE/UFPB), enquanto professores-pesquisadores ou profissionais reflexivos acerca de um caminho didático verificado.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Enquanto pesquisa etnometodológica, valeu-nos as explicações de Coulon (1995), tanto quanto as de André (1995), aproximando e diferenciando a etnometodologia da etnografia. Por se tratar do nosso interesse em conhecer a vivência pedagógica de ensino-aprendizagem desenvolvida entre educadores e educandos na Escola Nossa Senhora do Carmo (Bananeiras – PB), amparamo-nos em escritos que explicam outra forma de se organizar projetos curriculares, não somente por disciplinas, também conhecidos por currículos integrados ou globalizados, que praticam a interdisciplinaridade, tal sugerem Zabala (2002) e Santomé (1998). Por se tratar de uma escola que vivencia os princípios pedagógicos da metodologia ativa tomamos como referência os escritos de Rousseau (1999), Dewey (2011) e Pérez (2000). Tratando-se de uma escola que não separa os alunos por anos ou séries, mas em grupos de estudos, mediado por professores, como escola-comunidade, e por ser uma escola que se assemelha à Escola da Ponte, amparamo-nos em Pistrak (2009) e nos padrões de organização, gestão de tempos e de formação transformadora, explicadas por Pacheco (2008). Além de não desprezarmos a contribuições deixadas por Comenius (2002), Freinet (1998), Montessori (1999), Neill (1980). Escola que se alia à pedagogia radical, se observadas às considerações de Giroux (2011), ao apresentar o empowerment político permitido pela educação proposta por Paulo Freire (1921-1997). Sistema escolar que vive em permanente diálogo entre pais, alunos, professores, administradores, colaboradores, com reuniões onde a palavra de um vale tanto quanto a do outro, o que traz para a cena do funcionamento da Escola Nossa Senhora do Carmo o princípio da autonomia, da responsabilidade e da solidariedade, filosofias defendidas por Paulo Freire (1977; 1998).

Também, recuperamos a Candaia (1983), que revela a multidimensionalidade do processo de ensino-aprendizagem, mediado por prioridades políticas que impregnam a Didática. Lhe pondo sempre como causa em questão. Leituras feitas não como aprisionamentos ou filiações nossas a elas, mas como janelas que abrem nossos olhos para o ato de se ver mais detalhes em novas paisagens. Essas, dentre outras contribuições, serviram-nos como referências teóricas para o percurso da pesquisa aqui em exposição.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Enquanto mergulhávamos no universo da Escola Nossa Senhora do Carmo, como bagagem teórica, revisitamos as ideias de Comenius (1592-1670) quando, em 1633, na obra *Didática Magna* (2002), ele formula os princípios de uma educação racionalista, sendo esta a principal razão da escola, mesmo ele acreditando que toda nossa vida terrena é apenas uma preparação para a vida eterna. Recuperamos, ainda, o novo conceito de infância, sugerida por Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). Ele acreditava que a educação deveria servir à criança, enquanto ela é ainda uma criança. Disse: “Os mais sábios prendem-se ao que aos homens importa saber, sem considerar o que as crianças estão em condições de aprender. Procuram sempre o homem na criança, sem pensar no que ela é antes de ser homem”. (ROUSSEAU, 1999, 4). Ideias que deram pistas para os idealizadores da escola nova que valorizam a aprendizagem ativa do educando, mediadas por um animador, mudando, radicalmente, o foco da condução pedagógica do ensino, antes estruturada na capacitação do professor que difundia assuntos compilados para uma plateia de alunos passivos, procedimento tido como escola tradicional, numa hierarquia que diferenciava os que sabem dos que ainda não sabem. Por tratar-se do estudo de uma experiência escolar que pratica uma abordagem educacional integrada, rumo a uma educação progressiva, fez-se necessário o conhecimento do raciocínio de John Dewey (1859-1952), principalmente a obra *Experiência e Educação* (2011). Para ele, o processo educativo pode ser identificado com o crescimento da pessoa, compreendido no gerúndio, ação em processo, crescendo. Estudos feitos sem que nós nos desviássemos do nosso principal objetivo: uma escola que não separa alunos por anos letivos ou séries, funciona? Como o professor é formado para atuar numa escola como essa? O que leem? Como estabelecem normas de convivência com os alunos? Como fazem seus planejamentos de aulas? Como as atividades dos alunos são avaliadas? O aluno aprende nessa escola?

Enquanto fazíamos nossos estudos, a cada vez que íamos à Escola Nossa Senhora do Carmo (Bananeiras – PB) percebíamos que ela é uma escola que está em permanente construção, fruto das avaliações de todas as atividades que nela acontecem, semana a semana. É elemento do processo de autoformação nos que dela fazem parte, principalmente professores e gestores, a busca de conhecimentos teóricos e práticos de metodologias inovadoras em escolas que dão vez e voz aos seus membros, estudo que fazem aos sábados, momento de autoformação cooperativa, com a participação de instituições ou de professores convidados. Às sextas-feiras, como parte avaliativa desse novo caminho escolar, há partilhas de informação das coisas que deram certo ao longo da semana e das fragilidades, de alternativas que precisam ser testadas para melhorá-las. Reuniões nas quais participam os pais, professores, estudantes, com reuniões às vezes específicas para cada um desses segmentos, em que avaliam e decidem os próximos passos, rumo a uma escola ideal. Uma escola onde não há aulas, mas estudos; onde não há reprovações, mas avaliações diárias das aprendizagens feitas em diálogo do tutor com o aluno, onde ele mesmo reconhece o que ainda precisa aprender. Uma escola dialógica, de planejamentos diários de ações de ensino-aprendizagem, por isso essa escola é chamada, por seus integrantes, de a “Escola dos Sonhos”.

Uma escola que tem a sua própria história, iniciada em 2005, quando lavradores que participantes de programas de alfabetização de jovens e adultos desejavam para seus filhos uma escola semelhante à que eles tinham. Queriam uma escola humanizada e humanizadora, liberta e libertadora. Afinal, eles estavam sendo alfabetizados sob a lógica da pedagogia freireana. Uma escola apoiada pelas monjas contemplativas do convento Carmelo Sagrado Coração de Jesus e Madre Teresa que, à época, se instalaram na cidade de Bananeiras (PB) e, por serem enclausuradas, elas não davam aulas, mas confiaram e apoiaram financeiramente aos leigos envolvidos com uma educação próxima à Teologia da Libertação, na condução de uma escola movida por laços de solidariedade, acolhida e afetividade. Nessa época a escola só tinha 19 alunos adultos, em processo de alfabetização, com aulas realizadas na casa de um dos lavradores. Essas monjas, sensibilizadas pelo pedido dos agricultores, com o apoio dos Maristas e do Ministério da Educação, decidiram construir a Escola Nossa Senhora do Carmo que, em 2007, com as paredes ainda em construção, sem reboco e chão batido iniciou suas atividades de ensino para as crianças. À época, havia 79 crianças matriculadas, organizadas no sistema de multiseriação.

Em 2008, com a escola física já pronta, diante do desejo de se ir além, de se buscar uma nova escola, dentro dessa escola que mal acabava de ser construída, bancaram-se muitas



XXII ENCONTRO DE DISCUSSÕES ENTRE OS PROFESSORES, PAIS E ALUNOS. Muitas leituras coletivas aconteceram entre os professores, colaboradores e gestores dessa escola, leu-se sobre a Escola da Ponte, em Portugal, sobre as experiências de Anton Makarenko, na Rússia, de Summer Hill, na Inglaterra, de Célestin Freinet na França, alimentando o desejo de mudar o jeito de ser daquela escola.

Em 2013, houve um seminário sobre Educação do Campo, que aconteceu no Campus da UFPB, de Bananeiras. Nesta ocasião, Carlos Rodrigues Brandão sugeriu à Escola Nossa Senhora do Carmo uma visita ao Projeto Âncora, instituição assessorada pelo professor José Pacheco, da Escola da Ponte, localizado em Cotia, no Estado de São Paulo. A ida a esse projeto aconteceu em 2014, impulsionando uma radical mudança nos modos didáticos de ensino-aprendizagem na Escola Nossa Senhora do Carmo (Bananeiras – PB). Desde então, decidiu-se não ter mais a seriação, as aulas seriam com educandos integrados e interagindo em suas diferentes faixas etárias, em salas transformadas em espaços coletivos de aprendizagens, os professores seriam tutores e mediadores de projetos, os educandos seriam desafiados a decidirem o que gostariam de aprender, quando e como. Com isto nasce o novo jeito didático de ser dessa escola, rompendo com o modelo tradicional ou tecnicista do ensino, vinculado a estudos meramente disciplinares e com salas de aulas separadas por anos ou séries.

A ousadia dessa escola, e pela melhoria nos resultados das aprendizagens colhidas entre os alunos fez com que o MEC a reconhecesse, em 2016, como referência para a Inovação e a Criatividade na Educação Básica do Brasil. Em 2017 ela passou a integrar a rede das Escolas Transformadoras<sup>1</sup>, a primeira da Paraíba. Em 2019, passou a integrar o projeto global Escolas 2030, ação que se realiza em apenas dez países, como programa que cuida de avaliar, disseminar e desenvolver uma educação de qualidade para crianças e jovens, ao redor do mundo. Hoje a Escola Nossa Senhora do Carmo, chamada também de a Escola dos Sonhos, atende a 250 crianças e jovens, numa pedagogia multirreferencial, com elementos da educação libertária, popular, integral e humanizada, inspiradas em Paulo Freire, Célestin Freinet, Lev Vygotsky, José Pacheco entre outros.

Em 2016, por questões internas da Congregação, as monjas carmelitas comunicam a impossibilidade de continuarem a ser uma entidade mantenedora do projeto. E mais, para ficar no espaço da Escola Nossa Senhora do Carmo haveria a necessidade de se pagar um aluguel. Os participantes da escola – pais, professores, alunos, funcionários – decidem, numa

---

<sup>1</sup> Sobre o programa **Escolas Transformadoras**, ver: <https://escolastransformadoras.com.br/escola/escola-nossa-senhora-do-carmo/>



XXII ENCONTRO DE EDUCAÇÃO

assembleia, permanece com essa escola, ao invés de fechá-la. Assumindo-a como entidade comunitária. Por não ter fins lucrativos, ela seria mantida por doações e por convênios. E todas as suas ações seriam tomadas em conjunto. Também precisariam achar um lugar físico aonde essa escola se situaria. Foi quando se decidiu a imaginar uma escola sem paredes, diferente de todas as outras, para ser o espaço físico da Escola Dos Sonhos. E, desde então, os pais, alunos, professores, funcionários passaram a imaginar e a desenhar como gostariam que fosse a Escola dos Sonhos. Do conjunto das sugestões, negociadas, chegou-se a um projeto arquitetônico dessa escola. Ganhou-se um terreno e nele, de colaboração a colaboração, a nova escola começou a ser construída.

De modo resumido, constatamos que essa escola nasceu dos desejos de uma comunidade, que atua na definição do currículo dessa escola, sem negar o que é cobrado pela BNCC. É uma escola democrática, dialógica, libertadora, com os sujeitos e não para os sujeitos, onde vigora um trabalho coletivo, de estudos temáticos protagonizados pelos estudantes com seus projetos de estudo, que são acompanhados pelos educadores divididos entre tutores, especialistas e oficinairos, além de contar com o envolvimento frequente dos familiares na rotina escolar. Os temas estudados adotam o enfoque interdisciplinar, seguindo o currículo integrado e globalizador de conteúdos. Escola que busca não gerar exclusão entre seus participantes, não é devotada à meritocracia, mas se guia por princípios e valores. Uma escola que tem representatividade dos pais no conselho escolar, que desfruta de comitês estudantis, onde todos podem participar do instrumento “parabenizo, critico e proponho”, com as decisões expostas em um mural visível, e que tem, a cada sexta-feira, uma assembleia das socializações.

Hoje a escola se divide em três núcleos. O Núcleo de Iniciação cuida de socializar a criança no espaço escolar e de sua alfabetização, além de lhe ambientar a desenvolver os conhecimentos de seus interesses. O Núcleo de Desenvolvimento tem a duração de três a quatro anos, e dedica-se a levar as crianças a aprenderem a observar, a associar, a se expressar, com trabalhos feitos em grupos e, até, individuais. O Núcleo de Aprofundamento ajuda a criança a aprofundar os conhecimentos anteriores, com atenção especial à questão da linguagem, anexada a outras formas de expressão, o corpo, o desenho, a música, o teatro, a arte, os trabalhos manuais e esportes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**



XXII ENCONTRO NACIONAL DE PEDAGOGIA

Enquanto estivemos nessa escola, fomos-nos mergulhados numa escola intensa, que dá sentido às metodologias ativas, misturando-a com a educação popular. Uma escola feliz, porque a felicidade é feita de lutas diárias, em prol de um mundo mais equitativo. Uma escola feita por todos, pais, crianças, professores, para além de românticos sentimentos, que se envolve com os problemas locais que precisam ser enfrentados por estudos. Uma escola que envolve os alunos naquilo que eles querem aprender, que dá sentido ao estudado, que habilita os alunos a fazerem pesquisas, a sistematizarem o que aprenderam. Uma escola que tem muito a ensinar às outras escolas, sejam elas locais, estaduais e nacionais. Uma escola que fornece novas matrizes, capazes de nos inspirar nas discussões do Curso de Pedagogia, nos ensinamentos das demais licenciaturas da Universidade Federal da Paraíba. De fato, a escola que precisamos conhecer e viver, nesta primeira metade do século XXI.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. 8 ed. Campinas (SP): Papirus, 2005.
- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- CANDAUI, V. M. (org.). **A didática em questão**. 26ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.
- COMENIUS. **Didática magna**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- COULON, A. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1995.
- DEWEY, J. **Experiência e educação**. 2ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- FREINET, C. **A educação do trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 7ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 4 ed. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra, 1977.
- GIROUX, H. A. “Introdução: alfabetização e a pedagogia do *empowerment* político”. In: FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- LIBÂNIO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992.
- MONTSSORI, M. **La scoperta del bambino**. Milano: Garzanti, 1999.
- NEILL, A. S. **Liberdade sem medo – Summerhill: radical transformação na teoria e na prática**. 29ed. São Paulo: IBRASA, 1980.
- PACHECO, J. **Escola da Ponte: formação e transformação da educação**. 2 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2008.



XXII ENCONTRO PÉREZ, M. C. **Metodología activa para aprender y enseñar mejor**. Peru: San Marcos, 2000.

PILETTI, C.; PILETTI, N. **História da educação: de Confúcio a Paulo Freire**. São Paulo: Contexto, 2012.

PISTRAK, M. M. (org.). **A escola-comuna**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

ROUSSEAU, J.-J. **Emílio ou Da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SANTOMÉ, J. T. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

SILVA, A. V. M.; PACHECO, J. **Escola da Ponte, Vila das Aves – Portugal: um espaço de múltiplas interações, cooperação e partilha**. Rio de Janeiro (RJ): Rovel, 2011.

SILVA, J. R. B.; ROCHA, N. A. **A eterna busca de ser contemporânea: a Didática em movimento**. Anais do V CONEDU. Recife (PE): Anais V CONEDU, 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/45739>, consultado em 06/07/2024.

ZABALA, A. **Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar**. Porto Alegre: ARTMED, 2002.